

## Perspectivas acerca de um encontro: diálogos entre Paulo Freire e Hugues de Varine

Roberto Fernandes dos Santos Junior<sup>1</sup>

### *Perspectives about a meeting: dialogues between Paulo Freire and Hugues de Varine*

Um fator a ser considerado no momento em que se faz uma análise da bibliografia de Hugues de Varine é a sua relação de proximidade com o pedagogo brasileiro Paulo Reglus Neves Freire. Em meio a duas entrevistas e também durante todo o livro *O tempo social* (1987), ele apresenta o pedagogo como “o maior pedagogo político de nossa época” (p. 243). Haja vista que ainda é preciso aprofundar a relação de Paulo Freire com a Nova Museologia, o que é possível identificar são os impactos do pensamento de Freire na obra de Hugues de Varine. Em entrevista publicada no ano de 1995, Varine narra para Mario Chagas como ocorreu o seu primeiro contato com ele:

Meu encontro com Paulo, em 1970-1971, com um grupo de amigos franceses e missionários católicos, muito críticos da maneira como se passava a missão (como vontade de converter pagãos a uma religião culturalmente ocidental), a dita cooperação pelo desenvolvimento, tínhamos decidido criar uma organização não governamental de vocação internacional e composição ecumênica (sobretudo católicos e protestantes), para promover novas formas de cooperação ao desenvolvimento. Foi o Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos (INODEP), que agora desapareceu, mas que foi muito ativo durante quase 20 anos na Europa, África, Ásia e América Latina, notadamente como suporte à ação comunitária nesse campo. Procuramos desde o começo uma personalidade eminente para presidir esta associação, alguém que poderia não apenas dar orientação ideológica, mas também nos formar na ação. Sugeriram-nos Paulo Freire que era então, no exílio, conselheiro para a educação no Conselho Ecumênico das Igrejas em Genebra. **Eu o encontrei pela primeira vez indo vê-lo em Genebra para lhe propor essa presidência. Em seguida, durante três anos, até 1974, pude trabalhar com ele, sendo eu mesmo responsável pelo setor francês, que assegurava a gestão financeira da organização.** (In: CHAGAS, 1995, 243, grifos meus)

A aproximação entre ambos evidenciaria a ideia de “libertação” na Pedagogia e, posteriormente, na Museologia. De acordo com Varine, a sua “participação no INODEP era absolutamente voluntária e independente do meu trabalho como diretor do ICOM, mas pude, naturalmente, utilizar o que aprendia com Paulo no INODEP no meu trabalho no ICOM” (1995,

---

<sup>1</sup> Bacharel em Museologia (UFS), Mestre em Museologia (UFBA) e Doutorando em Arqueologia (UFS).  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1266-0834> | E-mail: [roberto.agroifect@gmail.com](mailto:roberto.agroifect@gmail.com)

p. 244). Na entrevista publicada em 1979, ele questiona que “é imprescindível conhecer sua teoria da educação como prática de liberdade” (p. 17). De tal maneira que é possível observar um pesquisador em meio a um processo de reconhecimento das práticas exitosas que foram realizadas no seio educativo.

Surge, assim, uma tentativa de transposição da metodologia libertária para a Museologia que necessitava respaldar o discurso da função social conforme explicitado em Santiago, em 1972. Nesse aspecto, o museu também é concebido em um processo didático-pedagógico em meio a uma comunidade:

O conceito de conscientização, ou seja, a transformação do homem-objeto da sociedade de consumo – objeto do mundo atual, objeto do mundo técnico – em homem-sujeito. Se a animação é isto, então o museu não desempenha este papel. O museu é uma instituição extraordinariamente didática; reúne única e simplesmente uma seleção de objetos para ensinar o público, sem lhe oferecer qualquer possibilidade de analisá-los a fundo, de tocá-los, de valorizá-los numa perspectiva de conjunto. A separação do objeto de seu meio ambiente natural é uma ação contrária à animação cultural, entendida está como conscientização. (In: ROJAS *et al.*, 1979, 17)

É expresso que Varine levanta um novo traçado teórico com enxertos/adaptações da Pedagogia da Libertação de Paulo Freire para seu emprego na Museologia Comunitária. Aqui cabe fazer uma ressalva em relação a essa situação, pois durante esse período surgiram diversos segmentos<sup>2</sup> científicos que tinham princípios ligados a teoria de Freire. Nesse mesmo período, e devido a sua proximidade com Paulo Freire, Varine recorda do momento da recusa por parte do governo<sup>3</sup> para que o mesmo representasse o Brasil na Mesa Redonda de Santiago do Chile:

Lembro muito bem que a recusa brasileira de autorizar a UNESCO a convocar Paulo para Santiago, em 1972, **não lhe permitiu fazer o que me havia prometido: adaptar sistematicamente a formulação de sua doutrina e de seus métodos à prática museológica e museográfica.** Tentei novamente em 1992, em São Paulo, mas ele estava nesse momento ocupado com as suas funções na Prefeitura de São Paulo que ele acabava de deixar. Penso que cabe a nós agora meditar sobre seus textos e suas ideias e adaptá-los aos nossos problemas, cada um na sua área de competência. É o que eu tento fazer no meu trabalho pelo desenvolvimento comunitário na França. (In: CHAGAS, 1995, 244, grifos meus)

Há uma perda em termos teóricos perante a sua ausência no evento, todavia Varine inicia esse diálogo em diversos de seus textos. Expresso também na escrita de autores que com o passar do tempo foram influenciados pelo trabalho de Freire. Essa teoria se desdobra no que será verificado no próximo tópico como “Museologia da Libertação”.

A intuição genial de Paulo Freire se verifica a cada dia quando as comunidades tomam em mãos seu destino e que o sistema estabelecido permite, voluntariamente ou não, a conscientização necessária que transforma cada um e todos em parceiros responsáveis pelo desenvolvimento. (VARINE, 1987, 23)

Com o intuito de fomentar uma maior compreensão e disseminação do ideal que estava sendo conduzido por Paulo Freire no campo educacional, Hugues de Varine leva em consideração a transformação que poderia ser realizada no campo museológico por conta das propostas do pedagogo brasileiro:

<sup>2</sup> Entre esses segmentos científicos temos: Teologia da Libertação, Teatro do Oprimido e Filosofia da Libertação como exemplos de um período em que alguns dos países da América Latina vivenciavam regimes ditatoriais.

<sup>3</sup> No período da realização da Mesa de Santiago, o Brasil era governado pelo General Emílio Garrastazu Médici.

Paulo Freire é o maior pedagogo político de nossa época, porque ele colocou em prática suas ideias, antes de exprimi-las. Os outros pedagogos, mais teóricos do que práticos, procuram, sobretudo, melhorar a eficácia da educação, seu rendimento, talvez a sua democratização, num espírito generoso. Paulo Freire propõe inverter o processo educativo. Considera antes que o objeto da educação, o educando, tem também alguma coisa importante a oferecer, da qual o educador e todos nós temos necessidade. No domínio da cultura, é importante inverter igualmente a relação da oferta e da procura. Todo cidadão, toda comunidade oferece alguma coisa em troca do que o agente cultural pode lhe oferecer. Não deveria então ser mais possível fazer uma política cultural, conceber uma estratégia, utilizar métodos como se fazia antes de Paulo Freire. (*In*: CHAGAS,1995,243)

Torna-se necessário entender melhor o surgimento do conceito de “Pedagogia do Oprimido” também conhecida como “Pedagogia da Libertação”. Paulo Freire se coloca no campo pedagógico enquanto agente de transformação teórica e metodológica. De acordo com Royer e Silva (2007), a obra de Freire é disposta de acordo com princípios voltados a uma ideia ligada a opressores e oprimidos, “o primeiro é responsável por oprimir, desumanizar os demais, que já se adaptou à essa condição e chegando a sentir medo de uma possível libertação (ROYER e SILVA,2007,1). Assim como em outras áreas, o surgimento de uma nova orientação teórica é tida como uma ameaça pelo campo em que está surgindo. Pois de acordo com a estrutura do campo científico, algo que não esteja estabelecido diante dos parâmetros que lhes são comuns é visto como uma espécie de afronta aos padrões teóricos que estão estabelecidos. A proposta de Freire desafiou uma teoria estabelecida por conta do seu objetivo de transformação social e cultural por meio da cultura:

Uma educação que, por ser educação, haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época de transição. Uma educação que lhe proporcionasse a reflexão sobre seu próprio poder de refletir e que tivesse sua instrumentalidade, por isso mesmo, no desenvolvimento desse poder, na explicitação de suas potencialidades, de que decorreria sua capacidade de opção. Educação que levasse em consideração os vários graus de poder de captação do homem brasileiro da mais alta importância no sentido de sua humanização (FREIRE,2014,80-81).

Portanto, é possível caracterizar, metodologicamente, a transformação do aluno em um agente de transformação social e cultural em meio a comunidade que ele integra (nesse sentido Varine aborda essa concepção perante a disposição dos atores sociais, na formulação e formação de agente de desenvolvimento comunitário e territorial)<sup>4</sup>: “na qual ele valorizava, quase ao extremo, o papel do homem e da mulher na sociedade. Estes se tornavam o centro de toda a realidade e os principais agentes da história. Ser *consciente* e *crítico* era o que bastava para assumir um papel *ativo* nas transformações sociais.” (AGOSTINI,2015,8)

Ainda sobre a Mesa Redonda de Santiago, há de se levar em consideração o papel da teoria de Paulo Freire na reunião que aconteceu em 1972, pois “o educador e todo profissional a se engajar social e politicamente, comprometido com um projeto de sociedade diferente – estiveram e ainda estão presentes, ou melhor, são o cerne das proposições de Santiago” (SANTOS,2008,83). As consequências da sua (não) “participação”, “apesar de não ter tal intenção e não ter escrito nada sobre museus e patrimônio”, necessitam ser melhor aprofundadas no intuito de compreender como contribuíram para revolução pedagógica no campo museal. De acordo com Alves e Reis (2013) [...] o pensamento de Paulo Freire foi muito

---

<sup>4</sup> “Toda ação supõe um certo número de atores. Em matéria comunitária, como para a educação no sistema de Paulo Freire, todo elemento da população pode ser alternativo ou, simultaneamente, ator e usuário. É pois útil refletir sobre a participação das pessoas na tomada de decisão e na ação, em função de seu lugar na comunidade, de sua competência, de sua responsabilidade.” (VARINE, 1987, p. 159)

importante na Museologia a partir dos anos 1970, sobretudo no que se refere ao conceito 'conscientização' da transformação do homem-objeto em homem-sujeito. (p. 122) Nota-se, então, que o pensamento de Paulo Freire impactou e ainda impacta um conjunto de autores no campo da Museologia, se desdobrando em diferentes possibilidades expressivas. Hugues de Varine consiste em um desses autores cujo projeto intelectual dialoga com o pensamento de uma educação como prática de "libertação":

A influência de Paulo Freire sobre Varine na formulação de concepções sobre trabalho comunitário no campo patrimonial é anterior à Mesa de Santiago. Como escreve Horta (2012, p. 13), as 'ideias de Paulo Freire continuaram e continuam ainda hoje, a orientar e iluminar os textos e proposições de Hugues de Varine, de modo especial no trabalho do desenvolvimento comunitário'. (ALVES e REIS,2013,124)

No INODEP, a relação<sup>5</sup> entre Freire e Varine se estreitou pela execução de serviços enquanto membros da instituição, fator que os aproximou não somente em caráter de amizade, mas também de trocas intelectuais. Situação que evidentemente contribuiu para que Hugues se envolvesse pela proposta libertadora que havia sido criada e que estava sendo aplicada pelo pedagogo. Para Judite Primo (1999), consiste em apresentar um perfil de interligação da educação como prática de libertação, em sua atuação direta na instituição museal. Ela traça um perfil de questionamento acerca do eixo comunicacional, diante de um contexto da representação museológica entre museu-visitante:

Por entender que a maior potencialidade dos museus é a sua ação educativa e a educação verdadeira é aquela que serve à libertação, questionamento e reflexão é que as novas correntes da museologia, após esta Declaração, se aportou do método pedagógico defendido por Paulo Freire, que entende a educação como prática da liberdade e constrói a teoria da Educação Dialógica e Problematizadora na qual a relação educador-educando é horizontal, ou seja: acredita-se que a partir do diálogo e da reflexão os homens se educam em comunhão (PRIMO, 1999,20).

De tal maneira, diversos agentes do campo museal brasileiro passam a utilizar da pedagogia libertadora de Paulo Freire para rever questões que estavam ligadas a suas atuações na execução de atividades da práxis museológica, conforme apresentado por Maria Célia Teixeira Moura Santos (2014) ao relatar a sua experiência no Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia:

Posteriormente, fiz concurso e continuei ensinando as mesmas disciplinas. O Museu de Arte Sacra da UFBA era o nosso grande espaço de experimentação, atuava na sala de aula com uma carga horária de 20h e o restante do meu tempo era destinado a outras atividades, como voluntária, no Museu. Nesse período, dentre as minhas obras de referência para desenvolvimento das atividades, tanto no Museu como na sala de aula, estava o livro *Extensão ou Comunicação*, de autoria do mestre Paulo Freire. Identificava-me com suas reflexões, quando fazia a crítica ao conceito de extensão, como invasão cultural, como atitude contrária ao diálogo, que considerava como a base de uma educação autêntica. (SANTOS,2014,78)

---

<sup>5</sup> "Paulo Freire, educador brasileiro, que lançou em seu país, antes de 1963, o movimento de alfabetização conscientizadora, antes de participar dos programas de alfabetização da UNESCO (principalmente no Chile) e da reflexão sobre as condições do desenvolvimento do Conselho Ecumênico das Igrejas. Autor notadamente de *A Educação como Prática de Liberdade* e da *Pedagogia dos Oprimidos*. Sua teoria de educação libertadora como alternativa da educação bancária servil, pelo estabelecimento de uma troca dinâmica entre educador e o educado, inspirou numerosos grupos tanto no Terceiro Mundo, como na Europa ou nos Estados Unidos." (VARINE,1987,33)

Nesse processo, há um engajamento e participação de membros internos do museu para uma aproximação<sup>6</sup> entre o museu e a escola. Observa-se, aqui, um exemplo dessa atuação profissional embasada em uma herança da produção intelectual de Varine e Freire em um museu capaz de fomentar uma formação voltada ao fortalecimento comunitário. Santos (2014), continua pedindo para que “saíamos do espaço do Museu na busca de uma interlocução com professores e alunos de escolas de ensino fundamental e médio, públicas e particulares” (SANTOS,2014,80). O intuito é agregar e estabelecer uma relação entre museu e escola.

Cabe ressaltar que Maria Célia Santos, durante a sua atuação como professora, utilizou os textos de Hugues de Varine, em especial *O Tempo Social* (1987)<sup>7</sup>. Desenvolveu uma proposta herdeira da Pedagogia de Paulo Freire e da Museologia Comunitária de Hugues de Varine, assim como outros profissionais da área museológica que serão analisados no próximo capítulo.

Em sua mais recente obra, Varine (2017) apresenta uma listagem de livros que compõem a sua biblioteca pessoal e que indica como bibliografia para aqueles que desejam se aprofundar no contexto dos ecomuseus e museus comunitários. Ele, portanto, cita algumas das obras de Paulo Freire: *Educação como Prática de Liberdade* (1967), *Pedagogia do Oprimido* (1970), *Pedagogia da Esperança* (1997) e *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos* (2011). Antes de me deter no conceito de “Museologia da Libertação”, é importante destacar o esforço da museóloga Odalice Miranda Priosti (2010) na compreensão de uma série de práticas no intuito de interseccionar a Pedagogia, a Museologia e a Teologia em um quadro teórico. A autora faz análise e delimita o que seria essa síntese, trazendo como base as experiências da Nova Museologia no Brasil, em especial no Ecomuseu Comunitário de Santa Cruz, no Rio de Janeiro. Hugues de Varine expõe esse conceito, diante de uma prática que deveria ter sido iniciada desde a Mesa de Santiago, devido a recusa pela representação de Freire:

A partir desse momento, enquanto eu considerava Paulo Freire como meu mestre, eu comecei a refletir sobre um museu inspirado em suas ideias. Mais tarde, na década de 90, quando comecei a ir regularmente ao Brasil, comecei a discutir as propostas de Paulo Freire com os colegas brasileiros. Eu também revi Paulo em São Paulo, em 1992. Depois, Odalice Priosti, quando ela fez seu doutorado na UNIRIO, dedicou um capítulo inteiro de sua tese sobre a ‘Museologia da Libertação’. [...] Eu creio que podemos dizer que, no Brasil particularmente, a concepção de museu comunitário e seu papel no desenvolvimento corresponde bem às ideias de Paulo Freire. Da mesma forma, a crítica da ‘educação bancária’ pode facilmente ser aplicada a uma Museologia que promove o patrimônio ‘sem terra’ desconectado da sociedade e da cultura vibrante. Mas se muito se fala sobre o diálogo de Paulo Freire e os museus brasileiros, à exceção de Odalice, creio que não houveram pesquisas ou publicações que enfocaram claramente uma ‘Museologia da Libertação’. (VARINE,2017,50)<sup>8</sup>

No decorrer da sua tese de doutorado, Odalice Priosti (2010) selecionou um capítulo específico para examinar a “Museologia da Libertação”. A mesma descreve, a partir de princípios ligados à cadeia operatória da Museologia, mas com bases alicerçadas na Pedagogia de Freire, o que é reconhecido por ela como “museu educador-libertador”.

---

<sup>6</sup> “A educação, como introdução à liberdade, a qual Paulo Freire consagrou sua vida e sua obra, é um dos fatores desta conscientização. Rejeitando o acúmulo (bancária de acordo com a expressão de P. Freire), ela libera o comportamento de todo modelo unicamente exógeno, traz materiais (conhecimentos, dados para informação, regras de conjunto) e suscita a vontade e a capacidade de os reunir em função das necessidades ressentidas; enfim, alimenta o espírito crítico que por si só permite avaliar os significados da ação (primárias e secundárias) e os valores contidos no engajamento pessoal.” (VARINE,1987,105)

<sup>7</sup> SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Entrevista concedida a Roberto Fernandes dos Santos Junior, Salvador, 27 fev. 2018.

<sup>8</sup> VARINE, Hugues de. Entrevista concedida a Roberto Fernandes dos Santos Junior. França, 22 jan. 2017.

Todavia, cabe aqui uma outra reflexão em torno dessa terminologia. Segundo Hugues de Varine, o termo pertenceria a Odalice Priosti<sup>9</sup>, mas analisando alguns dos textos de Varine também é possível identificar essa nomenclatura. Até mesmo a própria Odalice credita o termo ao pesquisador, mas percebe-se que não houve a sua definição por parte dele. No entanto, Varine não reconhece o termo como sendo de sua autoria, devido os trabalhos que foram fomentados e publicados pela pesquisadora. No livro *As Raízes do Futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local* (2012), ele aponta Odalice como uma “discípula”. Será uma teoria compartilhada, onde um cria o termo e o outro o desenvolve? O fato é que em alguns textos Varine introjeta o conceito e em outros abdica da sua autoria:

[...] os militantes da nova museologia se reconhecem e buscam uma ‘museologia da libertação’ (termo de Odalice Priosti) própria para ajudar as comunidades a encontrar nelas mesmas e fora delas a força e os meios para viver e agir como sujeitos e atores de seu próprio futuro. (VARINE *Apud* PRIOSTI, 2010, 148-149)

Nesse caso, é importante destacar a definição do termo “Museologia da Libertação”. Diante de uma ação patrimonial embasada por um processo de educação permanente no seio comunitário, reconhecendo a função social do museu, destaca-se o que pode ser designado de uma musealização da memória comunitária. Nesse aspecto destaca que a finalidade é “[...] atender uma demanda cultural em relação ao sentimento de pertencimento, legitimidade e autenticidade desse processo.” (In: SANTOS JUNIOR, 2017, 51)

[...] uma **Museologia da Libertação** revelada à luz da memória social, cujos fundamentos poderiam estar na base de um **museu educador- libertador** que, ao adotar a libertação das forças culturais simultaneamente pela oposição e pela afirmação, mesclando a imitação e a diferença, produz memória. Em outros termos, pretendemos pensar a possibilidade de libertação das forças vivas de uma comunidade pela **musealização do espaço vivido** e por **ações patrimoniais** que afirmam as subjetividades coletivas ao mesmo tempo em que se opõem às políticas públicas impostas, e que afirmam sua singularidade museológica ao mesmo tempo em que combatem os fundamentos da museologia convencional. A museologia da libertação seria, a nosso ver, o processo pelo qual as comunidades [...] pode construir uma **memória enquanto resistência, uma memória que não se assujeita a um modelo que lhe foi imposto, mas que com ele negocia, imitando-o e diferenciando-se dele de múltiplas maneiras**. Numa outra perspectiva, a própria criação de museus por iniciativa das comunidades reforça a ideia de que a libertação de que tratamos aqui refere-se também à libertação das forças vivas, endógenas da comunidade no seu exercício de subjetivação. A museologia da libertação representa uma produção de processos museológicos diferenciados, “os novos museus” – museus que colocam os sujeitos no centro de sua preocupação, em vez dos objetos e das coleções que eles produziram. Ou seja, são museus nos quais a intenção primeira não é a conservação ou a sobrevida dos bens de uma coleção ou de uma coleção de patrimônios, mas, primordialmente, o desenvolvimento de uma comunidade consciente e responsável para o agir e criar, capacitada para a construção de sua memória e para o exercício da cidadania. Portanto, estamos tratando aqui de criação onde os fatores essenciais e determinantes são as singularidades de cada comunidade. É nesse sentido que o exercício da “escuta” é adotado como o método próprio nos ecomuseus e museus comunitários. Ouvindo as falas dos habitantes, estaremos libertando suas histórias de vida, conhecendo o destino das memórias

<sup>9</sup> Na sua tese, Odalice Priosti (2010) cita em nota de rodapé que o conceito de “Museologia da Libertação” foi “Citada por Hugues de Varine no texto *A Nova Museologia: Ficção ou realidade*, In: SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA. *Museologia Social*. Porto Alegre, Unidade Editorial, 2000, p. 24-25 e em seu livro *Les racines du futur- Le patrimoine au service du développement local*, 2002, p.183. Também foi apresentada por esta autora no III EIEMC – III Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários, Rio de Janeiro, 2004. In : CD Rom Atas do III EIEMC/ X Atelier Internacional do MINOM, 2004.

trazidas para esse espaço, vindas pela imigração ou pela remoção das favelas do Rio e seu reassentamento em Santa Cruz. Ao propormos a museologia da libertação, nossa ideia é trabalhar a memória como um processo pedagógico de subjetivação e de libertação das forças vivas das comunidades. Sem o propósito de um aprofundamento na questão teológica e muito mais interessados na aproximação à atmosfera de ruptura do fator principal do subdesenvolvimento: a dependência, trataremos aqui da passagem de uma dependência cultural para uma libertação. (PRIOSTI,2010,147-148, grifos meus)

Destacando esse aspecto, que nada mais é do que a definição criada por Odalice, ressalta-se que os “discípulos” de Hugues de Varine no Brasil criaram mecanismos de militância em defesa de uma ideia de libertação que está diretamente relacionada com as atividades ligadas com o campo museológico brasileiro (a partir do momento em que surgem novos agentes que respondem por um novo estatuto conceitual), como também uma reverberação a nível internacional (com a disseminação realizada por Varine e outros agentes). Na verdade, esse pensamento libertário se embasa nas propostas teóricas e metodológicas que Hugues de Varine apresentou no campo da Museologia Comunitária<sup>10</sup>, em consonância com a Pedagogia da Libertação de Paulo Freire.

Com base nos textos de Varine, “os conceitos de ecomuseu, patrimônio integral e desenvolvimento foram absorvidos e contrapostos nas pesquisas decorrentes para conceber por quê, como e para que uma sociedade constrói o seu museu.” (PRIOSTI, 2010,140) Um movimento de reflexão em torno daquilo que estava sendo produzido pelo autor, com o intuito de trabalhar um contexto de ressignificação do patrimônio tendo a comunidade como protagonista de trocas simbólicas, subjetivas e memorialísticas, a fim de um objetivo que é a libertação museal<sup>11</sup>. Nesse aspecto, reconhece que os museus comunitários e os ecomuseus consistem em “testemunhos dos grupos nesse musealizar a própria dinâmica da vida comunitária, superando todas as expectativas de cega obediência a um modelo cristalizado e assegurando à rede a diversidade da trama cultural e a singularidade de cada processo”. (p. 133)

Em meio a esse processo, observa-se nessa configuração de museu um fluxo de possibilidades que aguça e estimula os agentes que compõem a sua estruturação, em um movimento que se enquadra na dinâmica da responsabilidade social a partir do uso e aproveitamento de seus recursos humanos e físicos com o objetivo de promover um desenvolvimento territorial e sustentável. Nesse movimento, segundo Priosti (2005), a Nova Museologia aparece como uma espécie de “tendência”, que tem por objetivo a “[...] construção de sua autonomia política e econômica demonstram o compromisso dos cidadãos responsáveis com a busca da qualidade de vida para todos, sinaliza uma pedagogia patrimonial comunitária”. (PRIOSTI,2005,1).

Numa outra perspectiva, a própria criação de museus por iniciativa das comunidades reforça a ideia de que a libertação de que tratamos aqui refere-se também à libertação das forças vivas, endógenas da comunidade no seu exercício de subjetivação. A museologia da libertação representa uma produção de processos

---

<sup>10</sup> “O ingresso da Nova Museologia como estratégia de enraizamento da população no seu território e a tendência cada vez maior das sociedades de promoverem a construção de sua autonomia política e econômica demonstram o compromisso dos cidadãos responsáveis com a busca da qualidade de vida para todos, sinaliza uma pedagogia patrimonial comunitária e questiona o divórcio entre o museu clássico e a população, propondo um exercício de subjetivação da comunidade que quer fazer ela própria o seu museu ao usar o patrimônio como ferramenta de apropriação, libertação e sustentabilidade com a geração de rendas. A museologia da libertação faz seu caminho.” (PRIOSTI *Apud* PRIOSTI,2010,133)

<sup>11</sup> “Uma das modificações que gostaríamos de destacar na concepção museológica, em relação à ideia de pedagogia da libertação proposta por Paulo Freire, diz respeito à própria ideia de libertação: pretendemos pensar uma libertação que não resulte apenas de relações de oposição – opressores e oprimidos, por exemplo- mas que seja também uma libertação das subjetividades naquilo que elas possuem de mais inventivo e singular.” (PRIOSTI,2010,144)

museológicos diferenciados, “os novos museus” – museus que colocam os sujeitos no centro de sua preocupação, em vez dos objetos e das coleções que eles produziram. Ou seja, são museus nos quais a intenção primeira não é a conservação ou a sobrevida dos bens de uma coleção ou de uma coleção de patrimônios mas, primordialmente, o desenvolvimento de uma comunidade consciente e responsável para o agir e criar, capacitada para a construção de sua memória e para o exercício da cidadania. (PRIOSTI,2010,147).

Diante disso, o Brasil enquanto país marcado pela desigualdade social e econômica, torna-se um terreno fértil para a configuração da “Museologia da Libertação” e para uma propagação de projetos e instituições museais inspiradas nessa proposta. Para tanto, observa-se como esses “movimentos libertários” contribuíram para influenciar algumas práticas e gerar subsídios e plataformas de aperfeiçoamento para o seu crescimento em diversas áreas do conhecimento. No caso brasileiro essas discussões adquiriram centralidade durante a realização do III Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários em consonância com o X Atelier Internacional do MINOM, que aconteceu no Rio de Janeiro em 2004, que teve como tema Terminologia “Novas Museologias”. Onde a questão da desigualdade social esteve no centro dos debates que privilegiaram aspectos relacionados a uma integração entre os museus e a educação a partir de tentativas para a definição do conceito de “Museologia da Libertação”. Outra especificidade foi a realização de uma conferência sobre o novo conceito, denominada de “Museologia da Libertação e a construção democrática do Patrimônio do Futuro”, sustentada nos princípios da Pedagogia e da Teologia da Libertação, expressa em um texto escrito por Hugues de Varine e Odalice Priosti (2007).

Mesmo suscitando a atuação da Teologia da Libertação em seus escritos, Odalice Priosti pouco expressa a relação entre os eixos que compõem o que reconheço como uma nova tríade museológica. Sendo um segmento dos estudos teológicos da América Latina, uma das principais características que ela expressa é a opção pelos mais desfavorecidos economicamente e a sua distribuição geográfica. A Teologia da Libertação<sup>12</sup> está expressa pela criação de células de atuação, em busca de um protagonismo comunitário, em vista da evangelização com base nos conceitos culturais de uma determinada comunidade.

A matriz paroquial deixa de ser o centro da atuação comunitária que se dividem em comunidades que atuam diretamente em alguma causa específica, como a da Juventude, Criança, Pessoa Idosa, Carcerária, Afro-Brasileira entre outros segmentos. Dessa forma, a dependência entre o centro e a periferia deveria resultar em um processo de ruptura e de libertação. Portanto, desfazer-se a base para a Teologia do Desenvolvimento e criariam os fundamentos teóricos para uma Teologia da Libertação - TL. (BOFF,2001,11)

Em detrimento a aspectos fundadores da TL, de acordo com Susin (2013), ela nasce com princípios ecumênicos<sup>13</sup>, no que ele delimita como a “periferia das Igrejas”. Assim como a Nova Museologia e a Pedagogia do Oprimido, ela buscou o encaixe da natureza pública e política, com o intuito de buscar por uma “[...] interlocução social, mas na periferia do Ocidente”. Essa teologia foi construída por pesquisadores que tinham sido exilados de seus países, “[...] mas foi precedida por movimentos sociais, especialmente movimentos de alfabetização e de direitos

<sup>12</sup> “Por associação de ideias, valores e práticas em que se aplicam os princípios filosóficos freirianos, a Teologia da Libertação inspirou uma ‘museologia da libertação’, [...] uma museologia capaz de levar as sociedades a desenvolverem responsabilidades nessa cadeia de vida, da qual o patrimônio faz parte como um dos promotores potenciais de desenvolvimento responsável e solidário.” (PRIOSTI,2010,50)

<sup>13</sup>“Teólogos como Gustavo Gutiérrez, Juan Luís Segundo e outros começaram a organizar encontros e congressos para se pensar as questões entre fé e justiça social, Evangelho e pobreza; como os que aconteceram no Rio de Janeiro, em 1964, em Havana e Bogotá, em 1965. Ainda em 1968, algumas semanas antes da abertura do encontro de Medellín, Gustavo Gutierrez apresentou em Chimbote, no Peru, uma conferência que seria o gérmen da Teologia da Libertação.” (SILVA,2006,37)

humanos”, em especial com grande repercussão para o trabalho de Paulo Freire<sup>14</sup> no Brasil. (SUSIN,2013,1679-1698)

Assim como a Pedagogia do Oprimido, a TL apresenta uma “metodologia de trabalho” expressa por “textos pastorais”. Para tanto, é necessário seguir os passos de uma tríade denominada por “círculo hermenêutico de três mediações”, sendo a primeira delas a “mediação sócioanalítica”, com o objetivo de conhecer a realidade em que está se inserindo; a segunda é a “mediação hermenêutica teológico-bíblica” com o intuito de aperfeiçoar o discernimento cristão com base nas sagradas escrituras; e, por fim, a “mediação”, essa última com fins de mudança da realidade em que estão imersos: “Como é uma trindade em círculo, cada mediação influencia hermeneuticamente a outra.” (SUSIN,2013,1686)

Nesse aspecto, de acordo com Silva (2006), há um processo de expansão da TL “[...] e suas reflexões foram moldando-se à realidade<sup>15</sup> político-cultural das várias regiões do continente, inclusive, associando-se com outros temas [...]” (p.39) Um dado interessante a se destacar em relação a Nova Museologia e a Teologia da Libertação é que, diante da sua expansão perante o campo científico, começam a surgir diversas denominações vinculadas a esses ideais. Como o autor conclui, “de tal forma que para todos ficou claro a partir de determinado momento que havia teologias da libertação com muitas vertentes.” (SILVA,2006,39)

Para a compreensão da proposta de constituição de uma “Museologia da Libertação” que enaltece um processo museológico como ferramentas de libertação é necessário evidenciar as propostas da Teologia da Libertação e da Pedagogia do Oprimido. Essas articulações com o alguns dos pensamentos mais férteis da América Latina são enunciadas no pensamento e nas ações de Hugues de Varine e Odalice Miranda Priosti, na propositura de entender/perceber, especialmente no caso brasileiro, uma nova dimensão sobre os museus visando estimular o desenvolvimento comunitário sustentável, a valorização dos diferentes saberes e um diálogo horizontal entre a instituição museológica e os agentes locais.

Dessa forma, durante décadas Hugues de Varine provocou e aguçou reflexões em torno do que ele compreende como uma Museologia Comunitária, pautada na reflexão a partir de estudos de casos oriundos de sua atividade de consultoria em museus comunitários e ecomuseus em diversas partes do mundo, especialmente no Brasil, onde contribuiu na concepção de algumas unidades museais, na formulação de eventos e na criação de associações voltadas para essa temática.

---

<sup>14</sup> “O educador Paulo Freire, com sua pedagogia de conscientização através de palavras “geradoras” e temas “geradores” colocou em movimento um método que seria adotado pelas comunidades eclesiais de base. Trata-se de um método em que não só se aprende a tomar a palavra, mas em que esta tomada da palavra comporta em se tornar sujeito e ator social.” (SUSIN,2013,1679-1698)

<sup>15</sup> “O caminho da teologia da libertação, na verdade, foi outro: não de baixo para cima, mas para todos os lados. Enquanto persiste um anacrônico cuidado por parte de Núncios apostólicos na promoção de bispos que não sejam de forma alguns amigos da teologia da libertação, ela se expandiu e ganhou vozes por diferentes contextos ao redor do mundo. A categoria evangélica “libertação” se mostrou eficaz no dinamismo da fé e da vida para além das paredes das Igrejas. A teologia feminista e a atuação de teólogas no trabalho e no método da teologia da libertação são realidades mundiais. As teologias indígenas, como a Black Theology, estão por todo lado. A Teologia Gay e Queer, enfim as minorias somadas que utilizam os métodos da teologia da libertação, são realidades sem fronteira institucional. Elas existem porque a realidade da vida existe e porque o evangelho existe. A ecoteologia e a teologia da libertação animal, contra o antropocentrismo e o especismo, não param de crescer com o método ensaiado pela teologia da libertação.” (SUSIN,2013,1687)

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- AGOSTINI, Nilo. *Prática da Liberdade e Ação Libertadora: A arte de educar em Paulo Freire*. 37ª Reunião Nacional da ANPED, Florianópolis, 2015.
- ALVES, Vânia Maria Siqueira. REIS, Maria Amélia Gomes de Souza. Tecendo relações entre as reflexões de Paulo Freire e a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972. *Revista Museologia e Patrimônio*, Rio de Janeiro, vol. 6, n.º 1, 2013.
- BOFF, Leonardo e Clodovis. *Como fazer a Teologia da Libertação*. Petrópolis: Ed. Vozes, 8ª ed. 2001.
- CHAGAS, Mario de Souza. O campo de atuação da Museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, n.º 2, 1995.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 36ª edição. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- PRIOSTI, Odalice Miranda. *Memória, comunidade e hibridação: museologia da libertação e estratégias de resistência*. Tese (Doutorado em Memória Social), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2010.
- PRIOSTI, Odalice Miranda. A vocação política dos processos museológicos comunitários: origens e processos. *XI Atelier Internacional do MINOM*, Molinos II, Espanha, 2005.
- PRIOSTI, Odalice Miranda. VARINE, Hugues de. O novo Museu das Gentes Brasileiras: criação, reconhecimento e sustentabilidade dos processos museológicos comunitários. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, n.º 28, p. 57-70, 2007.
- PRIMO, Judite Santos. Pensar contemporaneamente a museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, n. 16, p. 5-38, 1999.
- ROJAS, R., CRESPIÁN, J. L. e TRALLERO, M. (Orgs.). *Os Museus no Mundo*. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil, 1979.
- ROYER, Arcielli. SILVA, Tânia Pereira da. *A Pedagogia de Paulo Freire: da opressão à libertação*. Paraná, 2007.
- SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. *Encontros Museológicos: Reflexões sobre a museologia, a educação e o museu*. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, 2008.
- SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Um compromisso social com a museologia. *Cadernos do CEOM*, Santa Catarina, Ano 27, n. 41, p. 71-114. 2014.
- SANTOS JUNIOR, Roberto Fernandes dos. *Por uma "Museologia da Libertação": Patrimônio e Desenvolvimento Local em Hugues de Varine*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Museologia), Universidade Federal de Sergipe, 2017.
- SILVA, Sandro Ramon Ferreira da. *Teologia da Libertação: Revolução e reação interiorizadas na Igreja*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2006.
- SUSIN, Luiz Carlos. *Teologia da Libertação: de onde viemos, para onde vamos?* Horizonte, Belo Horizonte, v. 11, n. 32, out./dez. 2013.

VARINE, Hugues de. *O tempo social*. Trad. Fernanda Camargo-Moro; Lourdes Rego Novaes. Rio de Janeiro, Eça Editora, 1987.

VARINE, Hugues de. *As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. trad. Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre. Medianiz, 2012.

VARINE, Hugues de. *L'écomusée singulier et pluriel: Um témoignage sur cinquante ans de muséologie communautaire dans le monde*. Paris: L'Harmattan, 2017.